

**TRADUÇÕES DE UM
CURRÍCULO REFORMADO:
PRÁTICAS CORPORAIS
DE LUTAS NO NOVO
ENSINO MÉDIO**

FLÁVIO NUNES DOS SANTOS JÚNIOR



Narrar uma experiência pedagógica vivida e sentida ao longo do primeiro semestre do ano de 2023 nas aulas de itinerário formativo ligadas a uma turma de 2ª série do Ensino Médio, eis a intenção deste texto. Uma tarefa que denota a (re)criação de relações intensas e complexas entre os diversos sujeitos da educação (estudantes, professor, equipe gestora, funcionárias). Destaco que os escritos se tratam apenas do olhar docente para aquilo que se viveu coletivamente, sem qualquer pretensão de incorrer numa totalidade de fatos. Descrevo, simplesmente, percepções, invenções, fabulações.

Os encontros entre estudantes e docente foram marcados por múltiplos sentimentos produzidos pelo contexto do Novo Ensino Médio, doravante, NEM. Discentes desmotivados, aflitos, agoniados, angustiados e preocupados com a configuração recém imposta. “Nós só temos duas aulas de Português e duas de Matemática”. “Tem muita aula de itinerário”. “É itinerário? Então vou faltar”. “Quem fez essa mudança?” “A impressão que dá é que essas aulas de itinerário é tudo igual. Só fala de cultura”.

O trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Professor Tenente Ariston de Oliveira. Uma unidade situada na zona sul da capital paulista, distrito do Capão Redondo, bairro Jardim das Rosas, ligada à Diretoria de Ensino Sul 2. Encontra-se próxima da tríplice fronteira dos municípios de Embu das Artes, São Paulo e Taboão da Serra. Oferece Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A instalação no território é fruto da mobilização de mulheres na década de 1980 no interior das Comunidades Eclesiais de Base. Mulheres trabalhadoras, mães, maioria negra, de origem nordestina e do interior do estado de Minas Gerais.

Se antes a angústia da comunidade era pela construção de espaços educacionais públicos, hoje é pela sua qualificação, pelos meios de produção das subjetividades juvenis. É a merenda, é a organização do tempo e do espaço, é o corpo docente, é o quadro de funcionários, é o recurso material, é o conhecimento disponível. Em suma, no Jardim das Rosas, os espinhos se atualizaram.

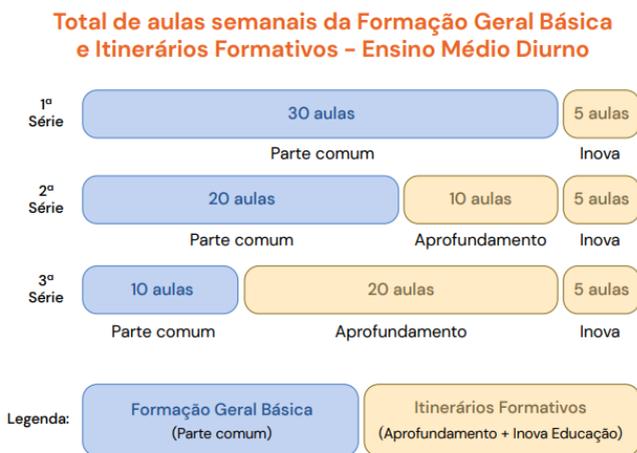
O trabalho relatado foi atravessado por uma série de situações, agenciado por forças produzidas por diferentes frentes. NEM, encontros quinzenais do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF), memória do território onde a unidade está situada, além da política de precarização que acompanha a rede estadual de ensino de São Paulo há anos, são alguns dos elementos que movimentaram a tematização. Abordemos sobre o NEM e o GPEF.

“Professor, você dá aula de quê?”. “Itinerário”. “Afe, quero Educação Física”. “Vamos para quadra?” Atuo na unidade há 11 anos, boa parte dos estudantes me encontrava transitando pelos corredores quando me dirigia à quadra ou saía dela com alguma turma. Ao me ver chegar próximo à porta da sala, criaram a expectativa de ter aulas de Educação Física. Para a grata surpresa, não estava ali para isso. Minha atribuição era lecionar um componente produzido pela malfadada Reforma do Ensino Médio e que eu jamais tive a oportunidade de organizar qualquer aula, “Práticas corporais de luta: heranças culturais”. O que fazer? O que não fazer? Qual caminho trilhar? Por onde começar? Será que estudantes de Ensino Médio vão lutar? Qual luta caberia estudar com a turma? Uma tempestade de questões apertava a minha mente. Antes de tentar responde-las, expliquemos a configuração da escola e do NEM.

A reforma do Ensino Médio povoou as discussões no início do ano letivo de termos confusos com escassas explicações: aprofundamento, itinerário, unidade, componente. Com um currículo composto pela Formação Geral Básica (FGB) e pelos Itinerários Formativos (IF), os estudantes possuem sete aulas ao longo de todo o período em que permanecem na escola, ingressando às 7h e saindo às 12h35. No avançar do Ensino Médio, reduz-se o espaço curricular destinado à FGB e amplia-se o dedicado aos IF. Na 1ª série os/as discentes supostamente escolhem aquilo

que desejam estudar no que tange à parte de aprofundamento dos IF nas séries seguintes.

Imagem 01: Aulas semanais NEM



Fonte: Portal novoensinomedio.educacao.sp.gov.br

Cada aprofundamento é composto por 6 unidades curriculares (UC). Essas UC se referem a módulos de 10 aulas semanais oferecidas ao longo do semestre. Na 2ª série, os/as estudantes cursam uma UC em cada semestre, enquanto na 3ª série cursam duas.

Imagem 02: Unidades curriculares no NEM

1ª série		2ª série		3ª série	
1º sem.	2º sem.	1º sem.	2º sem.	1º sem.	2º sem.
-	-	UC 1	UC 2	UC 3	UC 5
-	-	-	-	UC 4	UC 6

Cada unidade curricular tem carga horária de 150 horas (10 aulas semanais).

Fonte: Portal novoensinomedio.educacao.sp.gov.br

E como está organizado o aprofundamento curricular da 2ª série B da escola professor Tenente Ariston de Oliveira? No dia da escolha daquilo que desejariam aprofundar, a maioria dos/as estudantes selecionou UC pertencentes ao itinerário das Linguagens. Diante disso, a UC a qual pertence o componente em tela foi colocada pela Secretaria de Educação no primeiro semestre da segunda série, ou seja, fez parte da UC1.

Na esperança de colaborar com o trabalho docente, no que tange à organização das aulas, a Secretaria de Educação elaborou um material com o nome de **Material de Apoio ao Planejamento e Práticas de Aprofundamento (MAPPA)**. O documento apresenta especificações a respeito da (UC) e de seus cinco componentes.

Os encontros aqui relatados ocorreram no **componente “Práticas corporais de lutas: heranças culturais”** que pertence à UC “Cultura em movimento: diferentes formas de narrar a experiência humana”¹.

A referida UC busca proporcionar uma integração entre as áreas de conhecimento *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* e *Linguagens e suas Tecnologias*, sendo apresentada da seguinte forma:

A valorização e utilização de conhecimentos historicamente construídos em diferentes âmbitos da vida social e da produção científica para compreensão, explicação e transformação da própria realidade é uma das competências a serem desenvolvidas pelos jovens no Ensino Médio. Considerando que não existe uma cultura brasileira única e hegemônica, mas uma pluralidade de tradições e heranças, o percurso trilhado pelo estudante nesta UC inclui olhares para as diversidades regionais, sociais e especificidades locais que permitem, por meio da investigação científica e de processos criativos a inclusão de todas as vozes que compõem a sala de aula. Nesta UC, em diálogo com a diversidade de experiências e heranças culturais que permeiam as culturas juvenis, os estudantes serão convidados a investigar as tradições e heranças culturais que influenciam a formação da identidade e da cultura brasileira, reconhecendo transformações ao longo do tempo e do espaço, de modo a significar práticas

¹ A UC possui cinco componentes, com duas aulas semanais cada: “Tradições culturais”; “Práticas corporais de lutas: heranças culturais”; “Ressignificando a formação do povo brasileiro”; “Diálogos com a literatura: a cultura em contexto”; e “A cultura e seus sentidos”.

culturais do presente, bem como processos de disputa por legitimidade de produções culturais de diferentes matrizes que constituem o povo brasileiro. Por meio do mapeamento das heranças culturais de seu entorno e do contato com práticas de Linguagens e conhecimentos produzidos na área de Ciências Humanas e Sociais, os estudantes terão a oportunidade de se reconhecerem como produtores de cultura e protagonistas de mudanças sociais pelo reconhecimento e valorização das diferentes vozes que influenciam as práticas sociais contemporâneas (p. 07).

O material enuncia uma sensibilidade para com aquilo que compõe e produz a história de diferentes sujeitos e coletivos. A multiplicidade que constitui as comunidades é algo incentivado, de modo que as vozes estudiantis possam ser o fio que tece a trama pedagógica. Ao dar espaço para os processos de disputa por legitimidade, nos anima a vislumbrar uma possibilidade de indagar o poder que atravessa as relações sociais e culturais, e que de certa forma, fomenta as subjetividades, uma vez que acompanha o cotidiano e se manifesta no exercício das condutas das pessoas. Em suma, o documento que busca regular o currículo possui uma considerável aproximação com a produção teórica do currículo cultural de Educação Física².

O documento ainda aponta que o componente “Práticas corporais de lutas: heranças culturais”, com duas aulas semanais, tem duração total de 30 horas. As aulas podem ser atribuídas apenas aos professores de Educação Física.

No componente “Práticas corporais de lutas: heranças culturais” o estudante terá a oportunidade de refletir sobre heranças culturais e aprofundar conhecimentos presentes em práticas corporais de lutas brasileiras, analisando aspectos históricos, resgatando e ressignificando as tradições, a evolução e representatividade na sociedade atual. Experimentar gestos e movimentos corporais e apreciar os lados artístico e cultural presentes em práticas corporais de lutas, além de refletir e dialogar sobre os preconceitos e estereótipos presentes no universo das mesmas. O estudo e pesquisa de práticas corporais de lutas presentes nas culturas juvenis e nas

² Por se tratar de um relato de experiência, não cabe um debate a respeito de tal estreitamento. Recomenda-se a leitura de “Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica”.

matrizes indígenas e afro-brasileira e nas de origem oriental será sistematizado pelos estudantes na elaboração, execução e avaliação de uma oficina de luta para os colegas, com apoio do professor, fortalecendo o desenvolvimento de habilidades de mediação e intervenção sociocultural. Por fim, as produções dos estudantes serão apresentadas em uma mostra cultural que integra os componentes do aprofundamento (p. 29).

Os escritos revelam um entusiasmo com encaminhamentos didáticos que venham a se debruçar a respeito dos rastros históricos que compõem as práticas corporais, não só isso. Permitem uma conexão com a arte e a criação de indagações que possam fissurar discursos que fomentam a discriminação e o preconceito no interior das lutas. Outro ponto que merece destaque se refere à abertura para as culturas de matriz indígena, afro-brasileira e oriental comporem o currículo.

Ainda na apresentação, identificam-se objetos de conhecimento, competências e habilidades que delimitam o percurso a ser trilhado.

Imagem 03: Quadro de competências e habilidades do componente
“Práticas corporais de lutas: heranças culturais”

Objetos de conhecimento: Práticas corporais de lutas brasileiras: pesquisa e experimentação de lutas de matrizes indígenas e afrodescendentes; reflexão sobre atividades e hábitos tradicionais históricos de diferentes lutas brasileiras (Capoeira, Huka Huka, Marajoara, entre outras); curadoria de informações sobre o patrimônio e herança cultural; promoção do combate a estereótipos e a preconceitos.

Competências e Habilidades da Formação Geral Básica a serem aprofundadas: Competências 5.

EM13LGG501	Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas da cultura corporal, de modo a estabelecer relações construtivas, éticas e de respeito às diferenças.
EM13LGG502	Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos.

Eixos Estruturantes e suas Competências e Habilidades: Investigação Científica, Processos criativos e Intervenção e mediação sociocultural.

EMIFLGG01	Investigar e analisar a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), situando-os no contexto de um ou mais campos de atuação social e considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.
EMIFLGG05	Selecionar e mobilizar intencionalmente, em um ou mais campos de atuação social, recursos criativos de diferentes línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), para participar de projetos e/ou processos criativos.
EMIFLGG09	Propor e testar estratégias de mediação e intervenção sociocultural e ambiental, selecionando adequadamente elementos das diferentes linguagens

Fonte: MAPPA – Cultura em movimento: diferentes formas de narrar a experiência humana

O documento se arrisca a apresentar, apenas como sugestão, uma sequência de 6 atividades, para ser desenvolvida ao longo de todo semestre. Dividida em 3 etapas (introdução, desenvolvimento e sistematização), articula-se aos eixos estruturantes do Currículo Paulista – Etapa Ensino Médio –, quais sejam, investigação científica, empreendedorismo, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural. Cabe sublinhar que não há registro algum de experiências já realizadas com o componente. Isso despertou a suspeita de que estávamos inaugurando o trabalho com esse componente na rede estadual de ensino.

Uma vez apresentado o discurso oficial a respeito do componente “Práticas corporais de lutas: heranças culturais” e a sua respectiva UC “Cultura em movimento: diferentes formas de narrar a experiência humana”, passemos às reuniões do GPEF.

O GPEF é um coletivo formado por professores e professoras que atuam na Educação Básica e no Ensino Superior, bem como pesquisadores/as da área da Educação e Educação Física que se reúnem quinzenalmente para dialogar a respeito do ensino do componente na escola, propondo-se a pensar em encaminhamentos para a prática pedagógica na sua perspec-

tiva cultural. Neste ano de 2023, as reuniões³, buscando acompanhar o debate educacional em nível nacional, passaram a ser pautadas pela relação da Educação Física com o NEM, pois se percebeu que as pesquisas com a perspectiva cultural da área têm deixado de lado o Ensino Médio. Assim, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) colocou-se como desafio discutir e pesquisar sobre as políticas públicas, a atuação docente e a prática pedagógica em três escolas estaduais paulistas.

Diante do desafio posto, a coordenação do GPEF considerou pertinente organizar seis GTs⁴ para discutir as questões concernentes. Por estar diretamente envolvido com aulas no Ensino Médio, considerei prudente participar dos encontros do GT “Planejar, desenvolver e avaliar”. A cada encontro partilhávamos aquilo que emergia no interior das aulas de turmas da terceira série. Professores/as e pesquisadores/as debatiam a respeito, com análises cuidadosas e amparadas na teoria curricular cultural da Educação Física, fomentavam proposições a fim de qualificar as intervenções didáticas. Vale frisar que não saímos (éramos três colegas atuantes no Ensino Médio) da reunião com receitas ou o passo a passo do que fazer, as dúvidas se faziam muito mais latentes.

Embora tenha-se colocado nas conversas aquilo que se vinha produzindo nas aulas de Educação Física com a terceira série, foi inevitável não fazer aproximações com as aulas da segunda série ligadas ao componente “Práticas corporais de lutas: heranças culturais”.

O que fazer nos encontros semanais tendo em vista as memórias, características e marcas do território? De que maneira construir um percurso que possa mitigar o descontentamento estudantil para com a reforma do Ensino Médio, de modo a potencializar o encontro com novos signos, conhecimentos, sujeitos, corpos? Quais traduções do documento (MAPPA) que orienta o componente são possíveis de se fazer na prática pedagógica?

³ É possível verificar a agenda do grupo acessando o seguinte link: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/01/30/programacao-do-1o-semester-de-2023/>. Acesso em: 03 de julho de 2023.

⁴ São eles: A construção do eu-docente; Mapeamento; Os estudantes, a reforma e as aulas de Educação Física; Planejar, desenvolver e avaliar; Política curricular; Práticas corporais, Educação Física e linguagem.

Quais aproximações com a perspectiva cultural são possíveis nesse contexto? Indagações que apertaram a mente durante todo o processo e fez movimentar e vibrar forças inventivas.

Expostos os elementos que agenciaram a tematização, quais sejam, a característica da unidade, os rastros do território onde a unidade está situada, os sentimentos e narrativas estudantis para o momento presente, o documento que orienta e organiza o NEM na rede estadual de São Paulo e os encontros do GPEF, falemos agora do interior das aulas.

ESCREVIVENDO OS ENCONTROS

As cenas iniciais foram tomadas por um descontentamento com a configuração curricular. Ao adentrar à sala, os/as estudantes já me receberam com um “e aí, professor, vamos para quadra?” Por óbvio, já sabiam que eu era responsável pelas aulas de Educação Física. Após uma breve apresentação pessoal, mencionei que as aulas pertenciam aos IF. “Você vai dar aula de itinerário?”. “Ai não”. “E o que a gente vai fazer?” “Só tem aula de itinerário”. “Nem tem aula de Educação Física”.

Em meio à uníssona insatisfação informei o nome do componente “Práticas Corporais de Lutas: heranças culturais”. Imediatamente se ouviu: “A gente vai bater no coleguinha?” “Fica quieto, você tomou um apavoro até dela e quer bater em alguém aqui”. Revelações que aludem a novas questões. Que representação de luta se estava manifestando com a expressão “bater no coleguinha”? Dizer que “Tomou apavoro até dela” tem relação direta à submissão irrestrita, o que levaria uma menina não poder expor seu descontentamento frente aquilo que ouve e sofre de algum menino?

Pela proximidade do componente com a Educação Física apostamos numa conversa sobre as experiências que os/as estudantes tiveram pelas escolas onde passaram. Muitos percorreram o Ensino Fundamental em instituições da rede municipal de São Paulo, enquanto outros na própria unidade estadual. Algo em comum os atravessava, qual seja, o fato de terem sido expostos intensamente aos esportes já consagrados (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) e às brincadeiras tradicionais (pega-pega, queimada, pular corda, rouba bandeira). Exceção feita a quatro estudantes

Qual é o objetivo da capoeira?

Qual é o tipo de luta mais popular do Brasil?

Na busca de ampliar o mapa da cultura, foi convidada a compor pequenos grupos para discutir a respeito da ocorrência das lutas. A tarefa fugiu contudo, estuante, algum/a teve a oportunidade de vivenciar ou debater das afirmações. Preferiu-se a dúvida. A comanda partilhada se restringia com afincço tal tema, o máximo que tiveram foram alguns poucos episódios a criação de indagações. Feita a discussão em dupla ou trio, requereu-se a relação dos à capoeira, com trabalhos realizados no mês de novembro. ~~partidas em grupo maior~~ onde trabalhei: na ocasião estudamos **pipa**, Após saber a respeito daquilo que tinham estudado durante a escolariza- bicicleta, skate e patins é **dança contemporânea**. Expressões de espanto ção, buscamos olhar para fora. “Eu já fiz jiu”. “Eu fiz jiu quando era muito marcaram o rosto dos demais ao saberem dos temas abordados: “Eita, lá é pequeno, Nem lembro mais”, “Eu fiz jiu por 4 anos”. “Eu tenho um quimono um Prelúdio [escola particular localizada no bairro], é?”. “Carambá, pipa?” lá em casa, nem serve mais em mim”. “Eu já fiz judô no 7 Lagos”. “E o pessoal dava grau na bike?” “O que é dança contemporânea?”.

⁵ Bairro vizinho.

Qual é a origem da capoeira?
Quantos tipos de lutas existem?
Qual é a última faixa do karatê?
Quantas cordas tem a capoeira?
Quem trouxe a luta para o Brasil?
Qual é a origem do muay thai?
Qual é a diferença entre jiu-jitsu e muay thai?
Quem fundou a MMA?
Qual é o tipo de luta mais saudável?

Histórias, conceitos, sujeitos, tipos, organização e saúde, assuntos da prática da luta que marcaram presença nos incômodos suscitados. Movido pelas perguntas, apostou-se na promoção de um encontro voltado para leitura do MAPPÁ, especificamente, as intenções do componente. A proposta era dialogar com a enunciação apresentada outrora – “Só se fala em cultura nesses itinerários”. “Esses itinerários são tudo a mesma coisa”. Todavia, o plano teve de ser abortado. Explico.

A precarização no seu modo mais perverso entra em cena e fez tolher o plano. Parcela considerável das estudantes mostrou descontentamento com a organização escolar: acesso ao banheiro, merenda, produtos de higiene. “Olha, professor, essa escola é muito estranha”. “A gente precisa da sua ajuda”. “O banheiro vive trancado”. “A gente vai ao banheiro e nem tem papel”. “O banheiro fica muito sujo”. “A comida da escola é pouca. Tem dia que não dá para todo mundo”. “O tempo de intervalo é muito pouco. A gente fica dez minutos na fila. Depois tem de engolir a comida em 10 minutos”.

Após escutá-las, sinalizei que as demandas eram justas e urgentes, coloquei-me à disposição para ajudar no que fosse preciso. “A gente quer falar com a Letícia [vice-diretora], mas a gente vai lá e nunca é ouvido”. Sugeri à turma que a convidasse para comparecer à sala, a fim de tecermos a conversa. Um dos estudantes desceu até a sala da vice-diretora para chamá-la. Assim que chegou, seu semblante demonstrava preocupação. O que estava acontecendo era incomum. As conversas entre gestão e estudantes, na maioria das vezes, são voltadas para o disciplinamento. Tomei a palavra para expor que a turma necessitava abordar algumas questões

pertinentes à organização da escola: limpeza, acesso a banheiro e merenda. A palavra foi dada às/aos estudantes. Fervorosas, as meninas se expuseram com mais intensidade. Queriam mudanças. Em meio a tantas explicações, direção e discentes conseguiram encontrar saídas para alguns dos problemas apontados.

A aula foi marcada pelo inesperado, a intenção era ler o documento, bem como debater a relação entre cultura e as lutas. Todavia, as demandas estudantis falaram mais alto e a rota teve de ser recalculada, adiando as intenções iniciais.

Retomando o tema do trabalho. Tendo em vista a dificuldade de compreensão da proposta dos componentes, fizemos na íntegra a leitura do MAPPA. Posteriormente, recuperou-se as questões produzidas coletivamente na aula anterior, sublinhando que nada nos impediria de criar outras indagações no decorrer dos encontros. Assistimos a um vídeo sobre a história das lutas, percebemos que a luta faz parte da sobrevivência da espécie humana. Nos primórdios a prática estava voltada aos momentos de caça, com o passar do tempo foi direcionada para situações de disputas com outros grupos e sujeitos. No meio da conversa surgiram novas interrogações: será que essas duas coisas não eram concomitantes? O que permite dizer tal sequência de ações? Vimos que não há como encontrar um ponto de inauguração da luta. A sua existência está implicada com a cultura das pessoas que a constituem, ou seja, carrega valores e significados considerados relevantes pelos praticantes. Relembramos as lutas criadas no Brasil, recorreremos à capoeira como exemplo de prática cultural que se molda conforme o contexto local e temporal. “A capoeira é uma dança, né?” “Pode ser. Ela também pode ser um esporte, uma luta”. Finalizamos o encontro solicitando aos estudantes que assistissem vídeos sobre as lutas, especialmente o jiu-jitsu.

Vivência prática de luta. Iniciamos perguntando à turma quem havia pesquisado e assistido vídeos, poucos realizaram. Convidei Ana Carolina Veloz, ex-estudante da turma que passou pelo processo de reclassificação para a terceira série. Ao buscar os tatames na sala de material um estudante da 1ª série me abordou – “E esses tatames aí, professor? Vai lutar?” Afirmei que sim, questionei-o se conhecia alguma luta. “Eu luto muay-thai, treino

numa academia lá na Estrada de Itapecerica”. Perguntei se ele toparia participar da aula e sem titubear disse que sim. Conversei com a professora se poderia liberá-lo para realizar a atividade conosco. Após seu consentimento, fomos à sala da segunda série carregando os tatames. Afastamos as carteiras, alguns estudantes logo se prontificaram a ajudar na preparação do espaço, parecia ser primeira vez que faziam isso. Ana Carolina os orientou como encaixar as peças.

Finalizada a arrumação, apresentei os convidados, agradei a disponibilidade e passei a palavra para que falassem a respeito de suas experiências com a luta. Extrovertida, Ana Carolina relatou que lutou jiu-jitsu por muito tempo numa academia localizada na Vila Prel. Imediatamente direcionamos a atenção para o nosso bairro, buscando identificar em quais espaços a luta ocorre. O grupo citou a Associação Pequeno Mestre, localizada no Jardim Amália e a Associação no Jardim Irene. Os espaços são públicos, na Associação Pequeno Mestre há cobrança de uma taxa de ajuda de custo, algo bem acessível. Na Associação do Jardim Irene é totalmente gratuito. Isso nos fez observar o quanto a região ainda não consegue proporcionar certas atividades, deixando explícita a importância de se lutar pela construção e manutenção dos espaços públicos. Ana afirmou que os treinos são compostos por meninos e meninas, em alguns momentos elas se faziam em maior número. Disse também que já havia participado de campeonatos, que as pessoas são classificadas por faixa, tendo ela chegado à faixa laranja. Narrou alguns casos: “uma vez eu fui lutar numa categoria acima da minha, meu professor falava que para minha categoria eu era muito avançada, só que para essa outra categoria eu era inferior. Mesmo assim fui para luta. A menina era muito maior que eu, mas tínhamos o mesmo peso. Foi uma luta bem difícil, eu acabei ganhando com um golpe”. “Uma outra vez eu arrumei briga na escola e meu professor soube que eu usei técnicas do jiu para bater na pessoa, fui cortada do campeonato e fiquei uma semana sem poder treinar”.

Um pouco retraído, Diogo falou de sua experiência com o muay thai. Treina há alguns anos numa academia localizada na Estrada de Itapecerica, perto da COHAB Adventista. Pontuou as diferenças entre o jiu-jitsu e o muay thai – “o jiu é uma luta de chão, que precisa imobilizar e desequilibrar

o adversário. O muay thai não, é uma luta de pé. Tem soco, cotovelada, joelhada, canelada, chute. É uma luta de muita resistência”.

Ana Carolina explicou como executar alguns golpes, com a perna lesionada disse que não conseguiria realizá-los, mas explicaria caso alguém se prontificasse. Imediatamente Kauan e Gustavo se dispuseram a fazer. Ana explicou um golpe chamado Armlock – “Faz a montada”. Foi interrompida por um colega – “iii, montada? Que fita é essa?” Carol retoma: “faz a montada, passa a perna por cima dele, passa a perna sobre a cabeça dele, agora cruza as pernas, segura o braço, puxa o braço dele para baixo, quando ele bater é para soltar”. Gustavo e Kauan se levantaram. Gustavo tinha uma expressão no rosto que demonstrava contentamento com o que acabara de fazer. Para ele, novidade. Diariamente pede para ir à quadra, sequer fala “bom dia”, primeiras palavras quando me vê: “professor, vamos jogar fute?” Kauan disse que já praticou por um breve período de sua infância jiu-jitsu, tendo algumas recordações.

Diogo entrou em cena, explicou golpes do muay thai. “Este aqui é o jab. Chute. Tem de manter a guarda sempre alta para se proteger. Eu tenho receio de lutar com alguém do jiu porque se eu cair a luta já acabou para mim, eu não manjo nada de luta de chão”. Explicou que as/os lutadores também são divididos por peso; que no local onde treina tem algumas meninas, mas a maioria é homem; e que treina quase todos os dias da semana. “Se alguém chegar para te roubar, o que você faz?” “Eu corro ou entrego aquilo que ele está pedindo”. “Mas tem gente que usa técnicas da luta em situações dessa”. “Pode ser perigoso”. A turma coloca na conversa cenas do seu cotidiano.

Ana Carolina retomou a fala com a intenção de evidenciar um movimento de desequilíbrio. Kauan e Gustavo retornaram ao tatame. Desta vez o Gustavo iria levar o golpe. “Mas Carol, o Gustavo precisa saber cair, não pode ser perigoso para ele?” “Bom, então troca, o Kauan sabe cair”. Atento para as explicações dela, Gustavo conseguiu novamente executar as instruções, Kauan caiu de forma segura, bateu com o braço no tatame para se proteger. O impacto causou espanto em quem observava. Fernando pediu para fazer também. Entrou no tatame, posicionou-se, ouviu as explicações da Carol e aplicou o golpe no Kauan. Gustavo pediu para voltar, se dispôs a levar a

queda, Kauan o desequilibrou. Caiu todo desajeitado, fazendo uma careta de dor. Perguntado se tinha se machucado, respondeu que não.

Enquanto a aula acontecia na sala, no corredor estava um considerável vai e vem de estudantes. A todo instante aparecia alguém para espiar o que fazíamos. Alguns entravam e saíam. Um estudante da primeira série, Guilherme, apareceu na porta e perguntou se estávamos lutando jiu-jitsu. Respondemos que sim. Falou que tinha experiência com a luta. Pedi para que entrasse e partilhasse seus conhecimentos com o grupo. Comunicativo e sociável, narrou alguns episódios. “Eu parei de lutar porque eu perdi uma luta muito besta, o cara encaixou um golpe em mim, eu não sei o que aconteceu que eu apaguei, depois desse dia nunca mais lutei. Agora eu só jogo futebol. Jogo no time de futsal da AABB”. Guilherme logo tirou o calçado, pisou no tatame, perguntei se poderia demonstrar algum golpe, optou por fazer o armlock. Gustavo se dispôs a fazer junto. Com os dois no tatame, Guilherme fez a montada, Carol orientou o Gustavo como sair do golpe. As recomendações dela deixaram a disputa mais acirrada. Guilherme repetiu diversas vezes “ele é forte, não dá para encaixar”. Após, aproximadamente, dois minutos, ambos se levantaram. Pareciam cansados, ofegantes, suados.

Diogo voltou ao tatame. Gustavo pediu que aplicasse uns golpes nele. “Vou fazer a canelada”. Gustavo não aguentou, fez careta, disse que dói muito. Diogo pediu para que fizesse nele e deu orientações de como executar o gesto. Parecia não sentir dor alguma. Perguntei ao grupo: “Gente, o que faz o Gustavo sentir muita dor num chute dado pelo Diogo, enquanto o Diogo não expressa nada quando recebe o mesmo golpe do Gustavo?” Diogo explicou que no treino se realizam exercícios de defesa e de ataque, que o corpo dele já está acostumado com o impacto dos golpes, diferente do Gustavo que nunca fez. Gustavo pegou uma mochila para se proteger, pediu para Diogo fazer novamente o chute. E assim, Diogo procedeu, com pouca intensidade. Gustavo quase caiu, fez cara de dor. “No treino a gente fica 10 minutos dando joelhada no abdômen um do outro. Fica um de frente para o outro, apoia a mão na nuca da pessoa, cabeça com cabeça, daí bate com o joelho”. “A defesa de chute é feita com a perna, levanta a perna para o lado para se proteger”. Repentinamente, Letícia (vice-diretora)

chegou à sala, pediu para saírem as pessoas que não eram da turma. Ana Carolina, Diogo e Guilherme ficaram. Retomamos.

“Menino, você é do terceiro ano?” “Não, sou do primeiro”. “Nossa, pelo seu tamanho achei que você fosse do terceiro”. Alguns integrantes da turma pareciam surpresos com a desenvoltura do Diogo. Algumas meninas pisaram no tatame, pediram para o Diogo explicar como executar o chute. Fizeram juntas. Escutaram atentamente as orientações de como devem posicionar os pés e as mãos. Realizaram a canelada, chute frontal, jab.

A aula caminhou para o final. Agradecemos mais uma vez a presença dos convidados e da convidada. A turma ficou curiosa por saber onde Diogo treinava, horários e dias da semana das sessões. Pareciam interessados/as em iniciar a prática. Pedimos para que os convidados retornassem na aula seguinte para falar mais sobre as lutas e apresentar os aparatos que as compõem. Desmontamos os tatames e reorganizamos a disposição das mesas e cadeiras.

Tomado pela energia do encontro, soube no mesmo dia que um estudante do período da tarde entrou com uma faca na escola. O tumulto foi geral, discentes e familiares ficaram amedrontados/as com o caso. Um expressivo contingente de policiais compareceu à unidade. De acordo com a gestão, o garoto disse que portava o objeto para enfrentar um grupo de meninos que o ameaçou na rua. O plano era ir no horário de saída de outra escola para se vingar de quem o agrediu há alguns dias. Depois do episódio muitos estudantes ficaram com receio de comparecer à escola, houve um esvaziamento ao longo de duas semanas. Funcionários/as, docentes e equipe gestora passaram dias de apreensão. O pânico na comunidade foi aumentando. Com frequência passaram a circular, em grupos de WhatsApp, mensagens que informavam data e horário de supostos massacres na unidade. Na ocasião, a grande mídia noticiava inúmeros casos de violência escolar, fazendo o Ministério da Justiça e Segurança Pública criar a Operação Escola Segura. Aos poucos, o clima foi se acalmando e a normalidade retomada.

Ao recomençar o nosso tema, uma nova vivência entrou no radar. Além de reencontrar os convidados da aula anterior, Diogo e Guilherme, tivemos a participação da estudante Nataly, da 3ª série. Rapidamente outras turmas

souberam das atividades, comentários eram constantes: “e aí, professor, vai lutar hoje?” Percebendo que estávamos preparando o material, Marcelo pediu para participar da aula, disse que praticava muay thai há seis meses. Pedimos autorização à professora responsável pela sua turma e logo fomos para sala.

Organizamos o espaço, montamos os tatames. Relembramos o último encontro. Como prometido, Guilherme compareceu com quimono e faixa, vestiu e explicou rapidamente sobre a indumentária. “Está pequeno, hein”. “Já tem um tempo que eu saí do jiu”. Guilherme se colocou à disposição para mostrar algumas técnicas. Gustavo se prontificou a executá-las, sugerindo fazer uma rasteira no próprio Guilherme, pois desejou reviver aquilo que tinha experimentado na aula passada. Ao aplicar o golpe, Gustavo teve a camiseta rasgada em razão da pegada. Foi uma gargalhada só. Animado com a cena, imediatamente substituiu-a por uma blusa de moletom para continuar na atividade.

Enquanto Guilherme seguia recuperando aquilo que fora visto na aula anterior, mais uma vez alguns meninos lançaram comentários de reprovação dos gestos: “vixi, montada?” Montada, triângulo, chave de braço, mata leão, queda, posição dos pés no momento da imobilização, como sair de um golpe, foram alguns dos gestos partilhados. Kauan, Guilherme e Gustavo se revezavam.

Guilherme lembrou de alguns episódios vividos nas aulas de jiu-jitsu. Partilhou a ocorrência de um ritual em momentos de troca de faixa, o corredor polonês. O lutador que alcança determinada graduação recebe batidas de faixa nas costas enquanto caminha por um corredor formado por outros lutadores/as. Empolgado com a cerimônia, Luís, estudante da 2ª série D, que assistia a atividade, pediu para o Guilherme bater com a faixa em suas costas. Guilherme o atendeu, usando uma considerável força. Luís deu risada: “não senti nada”.

Guilherme abriu espaço para Diogo e Marcelo falarem sobre o muay thai. Diogo retomou os golpes abordados no primeiro encontro. Desta vez, nos preparamos melhor, o fato de Gustavo ter usado mochila como anteparo para os golpes na aula anterior, nos fez separar alguns colchonetes para a mesma prática. Convidei a Nataly para experimentar os gestos de chute,

jab e direto. A participação dela encorajou algumas estudantes. Viviane, Luiza e outras meninas se arriscaram. Aos poucos, Diogo incrementou novos gestos. Na companhia de Marcelo, explicou a canelada, o chute alto e as técnicas de defesa desses golpes. Elas realizavam com desenvoltura. Diogo mencionava os detalhes: “tem de virar o quadril”. “Coitado do moleque, vai devagar, Diogo”. Foi a vez de Gustavo executar o chute, enquanto seus colegas enunciavam: “ah, que chute de moça, Gustavo”. Sem dizer nada no momento, fui invadido por interrogações. Será que todas as meninas não têm força ao chutar? Chutar forte é algo exclusivo de meninos e homens? A luta é um espaço de demonstração da virilidade? Que representação de mulher está presente na luta?

Após a realização de socos e chutes, Diogo propôs uma sequência com jab, direto e chute. Outras/os estudantes foram se animando e ocupando o tatame, já não tinha mais espaço para circular. O grupo pareceu mais à vontade para interagir no muay thai. Ficou nítido que os/as estudantes ficaram receosos em fazer o jiu-jitsu. Quais situações possivelmente desencadearam esse comportamento? Quais prováveis forças atuaram para tolher a vontade de aventurar-se? Quais ações pedagógicas podem ser criadas a fim de borrar tal situação?

Imagem 04: golpes



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Resolvemos analisar a participação feminina no jiu-jitsu com mais cuidado. Assistimos ao vídeo “[Por que tem poucas mulheres no jiu-jitsu?](#)” disponível no YouTube. O entrevistado narra uma situação de assédio vivida por uma aluna enquanto participava de uma aula em sua academia e a medida tomada para solucionar o caso. Além disso, expõe a discrepante diferença no número de mulheres e homens envolvidas nas aulas de jiu-jitsu, apenas cerca de 15% são mulheres. Aborda que um dos possíveis motivos é o contato corporal produzido no momento da luta; que muitas pessoas tendem a emitir falas com tom sexualizante, tanto para homens quanto para mulheres, porém o peso da palavra para elas é muito maior, deixando-as desestimuladas; e aponta como solução para esse cenário a possibilidade de se organizar treinos só para mulheres. Ao falar sobre as aulas de muay thai, comenta ser completamente diferente, mais da metade do/as participantes são mulheres.

A turma foi convidada a dialogar em pequenos grupos, tendo as seguintes provocações: quais piadas ou comentários surgiram no momento da prática? Por que as meninas não se envolvem tanto no jiu-jitsu? Abrir uma academia só para mulheres é a saída?

Esgotado o tempo, abriu-se para uma conversa com toda a turma. Os/As estudantes pontuaram a existência de um olhar que sexualiza os corpos durante a realização da luta. José argumentou que durante o combate o que se deseja é apenas sair de um golpe: “quando o cara está montado em cima da gente, a única coisa que se pensa é como sair da situação, ninguém fica imaginando malícia”. “Quem fica pensando essas coisas é quem não tem maturidade, gente de cabeça fraca”.

“Quando a gente estava fazendo aqui na sala teve um pessoal que ficou ‘vixi’, ‘que fita é essa’, ‘lá ele’, ‘é viado’, ‘sai fora’”. Outras observações. “As mulheres não fazem muito jiu-jitsu porque elas ficam numa situação vulnerável durante a luta. Muitos homens se aproveitam para passar mão. Dá um ódio disso. Eu e a Yasmin estávamos indo para o curso de ônibus e um monte de véi passa se esfregando na gente. Um bando de safado. Homem é tudo safado”. Caleb fez questão de frisar: “nem todos”. O grupo entendeu que ter academia só para mulheres não resolve a situação. Viviane e Luiza

foram enfáticas: “o problema não está nas mulheres”. “Os homens precisam aprender a respeitar”.

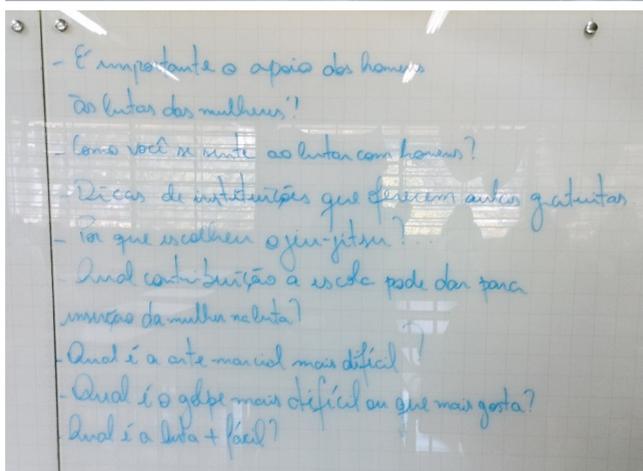
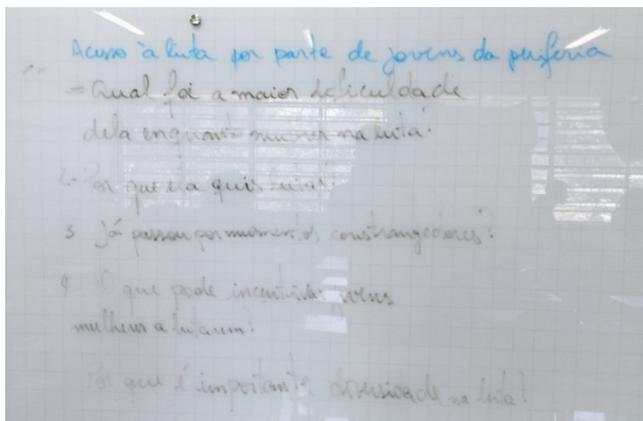
José rememorou sua experiência nas aulas de luta. “Eu lutava quando era criança, e eu lembro que tinha muita menina na aula”. A partir dessa fala disparou-se a provocação aos/às demais: “e então, por que tem poucas mulheres faixa preta?”. “Elas desistem por causa do assédio que sofrem”. Igor colocou: “tem mulheres que usam roupa curta só para provocar também”. Algumas meninas retrucaram: “a mulher pode estar pelada, nenhum homem tem o direito de mexer ou tocar nela”. E a conversa foi se alongando. José indagou: “se eu passar na rua de carro, abaixar o vidro e dizer ‘gostosa’ isso é assédio?” “Vamos ouvir as meninas. O que vocês acham, meninas?” “Sim, é”. “Claro que é”. José traz nova situação: “então, e se eu conhecer a mina e dizer ‘nossa, você está gostosa, hein’”. As meninas novamente o responderam: “não, isso não é”. “Depende muito do jeito que você fala”.

Buscando aprofundar o diálogo, apostamos na abertura de convite a um ex-estudante da unidade que atualmente participa de competições de jiu-jitsu a fim de partilhar suas experiências com o grupo. A ideia surgiu em meio à efervescente discussão quinzenal do GPEF. Em um dos encontros dialogávamos a respeito das atividades de aprofundamento e ampliação relativas a um trabalho paralelo a este em que tematizávamos o de xadrez. O grupo presente sinalizou para a importância de se permitir ecoar na sala de aula as vozes dos/as representantes, de modo a alterar as fontes de acesso aos discursos que produzem os sujeitos e a prática corporal em tela.

Ao contatar o Anderson, expliquei o trabalho que estávamos realizando, bem como as discussões que emergiram no decorrer das aulas. Empolgado com a possibilidade de voltar à escola onde concluiu a Educação Básica, prontificou-se a comparecer com a Bianca, sua companheira, também lutadora, portando medalhas e outros adereços do jiu-jitsu.

Ao comunicar à turma a possibilidade de receber os praticantes, elaboramos coletivamente algumas questões para balizar o momento, demarcando que nada impediria de apresentar outras indagações durante conversa.

Imagem 05: questões para Anderson e Bianca.



Fonte: arquivos do autor.

Chegado o dia do encontro, Anderson e Bianca adentraram às dependências da unidade com considerável antecedência, aguardaram a finalização de uma aula com a terceira série cujo tema era o xadrez. Nos dirigimos à sala de materiais para pegar os tatames e levá-los à sala de aula. Estávamos numa só sintonia, construir um momento de partilha daquilo que constitui e faz pulsar e vibrar seus corpos, a fim de produzir conhecimentos e afetos outros no interior de uma aula que jamais se viu na instituição.

Retiramos as mesas e cadeiras do centro da sala. Encaixamos os tатаmes e aguardamos os/as estudantes voltarem do intervalo. Viram com espanto e empolgação a cena, ocuparam as cadeiras, alguns se sentaram nas mesas. Abri a conversa enunciando as razões do encontro e apresentando o convidado e a convidada. Anderson tomou a palavra, partilhou, de modo resumido, suas experiências com a luta, seguido pela Bianca. Tanto ela quanto ele pareciam levemente nervosos, porém bastou cinco minutos de fala para se ambientarem e entrarem no clima de descontração, mas sem perder a seriedade e importância do encontro. O assunto econômico deu as caras:

ANDERSON - O jiu-jítsu, desde o início, é um esporte muito desigual. É um esporte realmente feito pra playboy. Porque o jiu-jítsu, qualquer campeonato, é 300, 400 contos. E se você não tiver trabalhando ou alguém pra te ajudar, você não consegue nenhum tipo de apoio, de qualquer coisa. É sempre você por você, querendo ou não.

LUIZA - Você falou que nos campeonatos, meu irmão luta e daí ele meio tem que arrumar patrocinadores. Só que eu não entendo isso direito. Vocês por si só buscam os patrocinadores ou tem alguém para ajudar nisso?

ANDERSON - No caso, a equipe toda busca um patrocinador. Eu, em 7 anos, nunca tive um apoiador. É realmente muito difícil. É sempre fazer um trabalho aqui pra pagar o campeonato. Porque o patrocinador quer algo em troca. Se você já não tem o nome dentro da arte marcial, eles não te patrocinam. Eu mesmo, já fechei muitas portas pra mim, mesmo batendo de frente com os grandes atletas da atualidade.

BIA - E o patrocinador, geralmente, hoje em dia, pelo menos, tem uma visualização em campeonato grande. Você ganha no campeonato grande, você vai ficar visível e aí você consegue patrocinador.

ANDERSON - Nessa questão, a gente faz um treino de jiu-jítsu, eles não. São treinos de jiu-jítsu, preparação física, preparação mental, nutrição, tudo completo. Eles têm uma equipe lá, multiprofissional...- E também tem muita questão do desmerecimento, né? Porque a gente teve um campeonato mesmo que eu fui sozinho. Só eu, porque o meu professor tinha que trabalhar no sábado. Aí, o que aconteceu? Fui... não podia comer... Chegou um atleta da minha chave com massagista, fisioterapeuta e nutricionista... é, ele era branquinho. E nisso, sentou do meu lado e olhou assim para mim. Eu tremendo de fome. Só podendo beber água. Ele falou, 'tá no pato. Tá na mão'. É nisso que a gente ganha o lugar.

Antes de seguir cabe abrir um parêntese, mais uma vez, para falar sobre o atravessamento pelo GPEF. Em uma das reuniões do grupo, a professora Marina partilhou conosco a prática que vinha adotando na Educação Infantil de gravar depoimentos ou falas das crianças durante as atividades. Convencido da ideia, apostou-se na gravação do áudio da conversa com Anderson e Bianca para não perder os detalhes. E fizemos a captação por desejar investir, no momento do encontro, apenas na escrita com e no corpo. Sem se preocupar com caneta e papel para rabiscar qualquer palavra, buscou-se uma entrega plena dos corpos na esperança de fazer exalar pelos afetos e conhecimentos outros, deixando para *posteriori* a criação do texto escrito sobre aquilo que se enunciava verbalmente. Fechamos o parêntese.

Biologia, fisiologia, nutrição, cinesiologia, psicologia, campos científicos recorrentes nas análises e leituras esportivas, implicados com a busca da mais alta performance do corpo-atleta. Que corpo é esse que sozinho treme de fome? Que corpo é esse que aparenta uma magreza? Esse corpo supostamente solitário, é um corpo que luta? Precisamos trazer outras lentes para olhar os detalhes envolvidos na cena. A desigualdade econômica invade de forma desmedida o mundo da luta, estar e ser da periferia parece representar um empecilho para acessar certos espaços do jiu-jítsu. Anderson e Bia falam sobre os patrocinadores, o que faz Luiza enunciar as questões que afligem seu irmão, também lutador. Não basta dominar as técnicas. Não é o bastante se esforçar para galgar alguns lugares. É preciso

ter grana, pessoas, uma economia que ajude a movimentar, a participar de campeonatos e fazer uma boa preparação física e psicológica. Como jovem da periferia, ajustar o tempo para conseguir trabalhar e participar dos treinos é a única saída, é a realidade. Mesmo vencendo quem tem todo o aparato necessário, algumas portas ainda se mantêm blindadas e trancadas. E aqui cabe trazer um trecho da música “Tôbem” do rapper Djonga: “... onde pra alguns deles tem portas pra nós tem paredes, só agora que eu entendi porque de estrutural...”

VIVIANE - Para você, que é um homem preto, da quebrada. Você trampa, né? Como é para você chegar no lugar que você chegou? Com vários títulos aí. Ganhando de um monte de playboy, branco. Que tem patrocínio, tem tudo. E você, porra, ganhou deles. Como é que é a situação? Você é da periferia. Você é um homem preto. Você não é esses playboys que tão aí, que têm patrocínio, e os caralho a quatro. Você está no seu corre. E tá dominando o espaço.

ANDERSON - Eu ainda digo que eu sou um peixe pequeno. E no jiu-jítsu ainda a gente não... É bem grande o espaço ainda para percorrer. O que eu consigo e tenho, pelo pouco que eu tenho ainda, é satisfação.

Que corpo é esse de pele retinta no degrau da arquibancada? Que corpo é esse de pele retinta e magro pisando no tatame e vestindo quimono? A indagação enunciada na fala da estudante para o Anderson sinaliza uma perspicácia para as múltiplas relações que agenciam os corpos. O corpo que luta é um corpo pertencente a uma classe, mas também é um corpo marcado pelo recorte racial. A indagação colocada permitiu pensar por alguns instantes sobre os sentimentos envolvidos na trama da luta, no confronto físico com aquele que teve acesso a uma estrutura qualificada graças aos processos históricos de exclusão.

Embora a prática do jiu-jítsu seja individual, no tatame a coletividade se manifesta. Esse corpo negro carrega consigo uma cultura e uma ancestralidade. É constituído por memórias de um território e de um grupo social. E esse corpo masculino preto da quebrada quando parte para o

confronto sente uma plena satisfação - e mais uma série de emoções que as palavras não dão conta de externar, diga-se de passagem - ao imobilizar e ou desequilibrar aquele que desfruta de heranças coloniais.

GUSTAVO - Como é para você, para vocês, ela dentro do esporte, ela que é a mulher preta e que provavelmente já foi muito desmerecida dentro do esporte. Você também. Então, como é para vocês ver esse preconceito de dentro do esporte e como é na busca, por exemplo, do patrocinador e na preparação das lutas? Porque, assim, a gente sabe e provavelmente vocês sabem bem mais que eu que dentro do esporte há esse desmerecimento por ser preto, por ser da quebrada e por ser mulher. Então, como é para vocês essa preparação? Como é a busca do patrocinador? E como é essa visão de vocês do preconceito dentro do esporte?

Mais interrogações estudantis. Se os recortes racial e econômico já apresentam elementos de considerável complexidade, o que dizer quando o gênero é colocado? O que compõe esse corpo-mulher-preta-periférica que pisa no tatame? Se o corpo-masculino preto-periférico já encontra barreiras acentuadas, o corpo-mulher-preta-periférica possui dores mais intensas. Não se trata de uma competição para ver quem sofre mais. Refere-se a um chamado, a pensar para as múltiplas camadas da violência que se manifesta na sua existência. Uma interseccionalidade do olhar para as relações que subjetivam esse corpo-mulher. Vejamos mais.

PROFESSOR - A gente tava fazendo o jiu, e aí tinha aquelas piadinhas: “iiii”. O pessoal começou a sexualizar a coisa. E aí, inclusive, no Instagram, ontem, apareceu pra mim um vídeo de uma mulher que luta, ela meio que dá a entender que quando ela fala pro companheiro que ela vai lutar, o cara fica imaginando certas coisas. Então, como que vocês veem isso? E como você se sente em lutar com homens, Bianca?

BIANCA - Eu não me importo assim. Eu faço o esporte tranquilo, porque quando você realmente faz um rola não tem espaço para essas

coisas, porque, por exemplo, ele pensa ‘a vou dá uma monta’. Antes dele fazer uma piada eu já estou dando armlock. Então não tem esse tempo de ter essa atitude ou de pensar. Porque o jiu-jítsu é um esporte de finalização, de imobilização. Então, não tem espaço para isso. Se a pessoa ficar pensando nisso ela não vai prestar atenção no rola.

O olhar de quem assiste também produz as práticas corporais, então é preciso confrontá-las. As narrativas emitidas durante as lutas foram recuperadas e colocadas em xeque. Bianca fez um contraponto aos ruídos de uma masculinidade frágil, que sexualiza o corpo em ação nos mais variados contextos, inviabilizando certas pessoas de atuarem, de serem quem são. Bianca foi contundente ao dizer que no contexto da luta cabem apenas situações de finalização e imobilização, o encontro de corpos está regido pela lógica do esporte. Todavia, não é raro tentativas de violação, essa mesma masculinidade se coloca autorizada a invadir o corpo-mulher.

PROFESSOR - Um dos vídeos que a gente assistiu falava sobre uma situação que uma moça viveu na academia. Ela se sentiu abusada ao lutar com um rapaz que fazia aula junto com ela. E acabou que o dono da academia expulsou o cara por conta disso. Você já se sentiu assediada ou presenciou algo do tipo?

BIANCA – Já aconteceu na nossa academia uma vez. Era iniciante. Essas coisas sempre acontecem quando é iniciante. É sempre assim. Teve um acontecimento de um menino e uma menina. Teve um menino que passou a mão na gente. Fora do tatame, saindo para beber água. E o professor expulsou. Não tem muito o que dizer. Não pode dá espaço. Deixar com que ele pense que aquilo é normal. Porque, por exemplo, se o professor tivesse deixado o menino ficar, a gente teria de sair. Foi bem difícil esse episódio. Teve muita confusão, mas...

ANDERSON - Isso foi um pouquinho difícil, porque esse não é o meu lugar de fala, pra ser sincero. Eu sou homem, mas é uma coisa bem

difícil de tratar. Quer abusar, a gente quebra o braço. É como a gente trata. Quer abusar, a gente quebra o braço. Quebra a perna.

VIVIANE - E também a importância dele ser expulso, de reconhecer que tudo foi assédio, porque se ele não fosse expulso, isso ia acontecer cada vez mais, e ia diminuir cada vez mais o número de mulheres no esporte.

BIA - Foi muito difícil porque o professor conhecia o menino desde novo, então aquela questão: 'ah, ele nunca faria uma coisa dessa. Conheço ele desde novo'. O que ajudou muito foi que os outros graduados, os meninos, ficaram do nosso lado. Os meninos queriam ter feito uma roda de faixa nele.

CAROL - E quando eu cheguei lá no jiu-jítsu, tinha só uma menina, que era a filha dele [professor], a Vitória. Ela era novinha, ela era faixa laranja. Aí, tipo, na verdade, quando eu cheguei lá, ela ainda era faixa amarela... Aí, eu convidei minha prima pra ir comigo, e minha tia não deixou, porque minha tia fazia academia também, e minha família inteira trabalhou na academia da XXXXX no Capão. E aí, tipo, minha tia, ela acompanhava muitos casos, inclusive teve um caso lá, que uma conhecida nossa foi assediada pelo treinador, pelo mestre dela... quando ela falou, os caras acharam que era loucura na cabeça dela, diziam que 'era uma passagem', 'ele tava tentando fazer outra coisa', 'você tá vendo coisa', não sei o que, porque o jiu-jítsu realmente é uma luta muito corporal, mas você usa muito o contato físico, junta muito os corpos, então, tipo, falaram que ela tava confundindo tudo, que ele não fez isso. Ele afirmava isso olhando pra ela. E ela falou, 'não gente, ele fez, ele fez, ele fez.' Aí puxaram nas câmeras, quando puxaram nas câmeras, realmente, dá pra ver que o cara tava com maldade. E aí, tipo, quando aconteceu esse caso, eu fiquei com medo de praticar o jiu-jítsu porque, depois de mim, entraram só mais duas meninas. Porém, o meu mestre falou pra mim que eu poderia praticar tranquilo, que na academia dele não existia isso. Se existisse, o cara não sairia vivo. Aí eu voltei, comecei e tals e todo mundo me recebeu novamente super bem. Aí as meninas

começaram a voltar também. Aí, tipo, depois de um tempo ele teve que fechar a academia porque ele foi pra Portugal. Então eu acho que o apoio do mestre, que é o nosso espelho, quem nos incentiva, quem nos ensina. E por ser um homem, é fundamental pra mulheres que praticam jiu-jítsu e qualquer outra arte marcial.

BIA – por isso é fundamental o apoio do professor. É bom você conhecer antes de fazer, por conta disso. Você vai ver o método de ensino, o jeito como o professor ensina. O jeito como ele passa. O jeito como ele apresenta é bem diferente. Incentiva você a fazer o esporte. Por isso eu sempre recomendo fazer uma aula experimental. Primeiro experimenta. E depois escolhe. Você sempre vai achar um esporte para praticar. E isso ajuda. Me ajudou muito na questão de autoestima. Eu sou muito tímida. Se não fosse ele eu nem estaria aqui falando com vocês. Me ajudou muito em falar, de me impor. Principalmente nessas questões machistas, eu não falava nada, eu ficava quieta. Abaixava a cabeça. Hoje em dia eu falo.

A indagação motivada por aquilo que emergiu nas aulas anteriores fez o diálogo imergir nas profundezas da violência. Esse corpo-mulher que adentra à luta, que se dispõe a fazer um rola, infelizmente é alvo do machismo dominante. Quando incomodado e violado é desencorajado a denunciar, é taxado de louco, é submetido a uma constante escalada de constrangimento. Observando a fala das estudantes e da convidada, percebe-se que fomentar alianças se faz necessário. Não é uma demanda apenas das mulheres, é um enfrentamento que exige coletividade, o corpo-masculino precisa se sensibilizar com a causa e se colocar como aliado. Portanto, o corpo-mulher-preto-periférico tem de lidar com diversas camadas de violência, o que o deixa amedrontado, acuado, diminuído na sua potência. Assim, sua existência é aprisionada numa condição degradante. Por isso, mobilizar uma leitura que interseccione os marcadores sociais que atravessam a ocorrência da luta faz da aula um lugar outro de produção de afetos e conhecimentos.

Bianca e Anderson também expuseram sobre organização da luta, cores de faixa, o tempo necessário para realizar as graduações, vestimenta, nome de golpes, medalhas conquistadas, lugares em que competiram, espaços existentes na região onde se promovem aulas de jiu-jítsu. O tempo é implacável. Cinquenta minutos passaram voando. Parte da turma pareceu empolgada quando se anunciou a possibilidade de fazer um rola. “Mas o que é o rola?” Anderson explicou: “é a parte prática da luta. Faixa azul 6 minutos, faixa marrom de 8 a 9 e faixa preta 10 minutos”. Qualquer outra fala que se tentou esboçar já não era ouvida: “alguém tem mais alguma pergunta?” “Professor, por favor, a gente quer ver a luta. Chega”.

“Vamos fazer 3 minutos de rola”. “Não, pega firme aí, meu”. Os/As estudantes estavam sedentos pela disputa no tatame. Ambos se prepararam, ajeitaram quimono e faixa, combinaram de fazer 5 minutos de rola e depois tecer explicações sobre as cenas do confronto. Os olhos estudantis ficaram atentos, as expressões eram variadas, as mais entusiasmadas surgiram quando Bia aplicava algum golpe. Gritos, palmas, boca aberta, risos. Enquanto acontecia o rola, Guilherme explicava os gestos, a pontuação para cada golpe aplicado. A turma ficou eufórica com a atuação da Bia. “Eita, mano, a mina luta para caramba”. “Tem como sair daí?”. “Ele perdeu a força”. “Respeita o profissional”. “Agora foi um voador”. “Ela ganhou”.

Ainda ofegantes, Anderson e Bianca explicaram a gestualidade básica, posições de defesa, pegada e queda. O que nos permitiu relembra alguns episódios das aulas anteriores. Vieram à tona as quedas. Anderson explicou o uso dos braços na queda para dissipar a força do impacto. Nesse momento o professor de Física estava presente na sala, esboçou um sorriso no rosto ao ver na prática da luta os conhecimentos abordados em suas aulas e contribuiu com a explicação. De forma espontânea, a turma o reverenciou e aplaudiu sua fala. O grupo fez mais pedidos. “Mostra o armlock”. “Faz o armlock voador”. Anderson atendia aos pedidos. Triângulo voador. Cadeado no pescoço. Tipos de guarda. Como sair do armlock? Relembremos o momento em que Carol orientava Gustavo a se defender do armlock. Anderson chamou Gustavo para novas sugestões de defesa: “mão com mão”. “Vamos fazer o triângulo, finalização para estrangulamento”. “Tudo que consegue fazer com os braços, se faz com a perna”. “Esse é o mata leão”.

“Guarda De La Riva”. Descobrimos que alguns golpes têm o nome das pessoas que os inventaram.

Balãozinho. Inversão. Raspagem. Passagem. Semelhanças com judô. Modalidade com quimono e sem quimono. Anderson citou ter obtido a terceira colocação no campeonato mundial sem quimono. Ela, Bianca, ficou em segunda. Mostraram as medalhas. “Nessa versão não é permitido segurar a camisa. O que pesa mais na luta é o psicológico. Não é força e nem técnica. Claro que essas coisas são importantes, mas é muito comum lutadores fortes e de boa técnica perderem a luta por conta do psicológico”. O grupo sugeriu um rola entre Guilherme e Anderson. “Eu parei na amarela, ele é roxa” exclamou Guilherme. “Vai, Gui. Sem quimono, hein. É mais difícil, não tem onde pegar”, disse Carol. Combinaram fazer um rola de 3 minutos. A disputa foi interessante, os golpes foram variados. Os olhos estudantis mal piscavam. Para quem assistia, o tempo passou voando. Para Guilherme, talvez tenha demorado. A respiração estava ofegante, suor escorrendo pelo rosto. Pediu para ir até ao bebedouro se reidratar. Atleta de futsal pela AABB, falou que jiu-jitsu cansa muito mais que futsal.

Bianca fez rola com o Gustavo. Os colegas ficaram empolgados com a disposição e coragem do Gustavo. Alguns caíram na gargalhada: “deixa ele mole”, “sem massagem”, “pode amassar”, “derruba ele”, “vixi, a pressão baixou”. Simpática ao amigo, Carol deu orientações ao Gustavo durante a disputa: “tira o braço, Gustavo”, “recolhe o braço”. Após o término, Anderson tomou novamente a palavra para explicar a influência da estatura no momento da luta, as estratégias adotadas quando se enfrenta alguém com dimensões maiores.

Por último, demonstrou mais uma vez como fazer o encaixe para derrubar o/a adversário/a. Viviane experimentou o gesto de encaixe para executar uma queda na Bia. Depois repetiu no Gustavo. Achou interessante, disse que acompanhava as tias nas aulas de luta: “eu assistia minha tia fazer aula de luta lá na Estrada de Itapeperica”. A turma pediu para eu quedar. Meu nome foi gritado de forma uníssona. Confesso que uma mistura de medo com receio tomou conta, afinal com uma hérnia de disco e duas reconstruções de ligamento cruzado anterior, o sossego foi embora. Colocado à frente, Anderson mais uma vez explicou como quedar alguém

Imagem 07: jiu-jitsu com Bianca e Anderson



Fonte: arquivos próprios do autor.

Com o semestre prestes a encerrar, reservamos um momento para analisar o percurso feito. Abrimos espaço para que os/as estudantes fizessem suas considerações a respeito da produção coletiva. Pediu-se para que registrassem numa folha as fragilidades e potencialidades do trabalho.

Sinceramente, de todos os itinerários o do professor é o melhor. Trazendo aula prática, trazendo pessoas e fazendo a gente participar. Aprendi que cada luta é muito diferente uma da outra, sendo diferenciado por características como lutas que é mais no chão, outras que usam mais imobilização. Fiquei sabendo também que em algumas lutas se você arruma briga e usa golpes, pode perder a faixa, e até não lutar mais. Eu só não participei das lutas práticas (ESTUDANTE 01).

Falamos sobre jiu-jítsu e muay thai, foi interessante criarmos uma afinidade com o professor e discutirmos, além da luta, outros assuntos. Discutimos sobre racismo, insegurança, diferenças sociais, demonstração de jiu-jítsu e muay-thai. Acho que de todos os itinerários, esse foi um dos mais, senão o único, onde eu vi um desenvolvimento real. Tanto nas partes das vivências e debates quanto na área mais intelectual. Tenho certeza que respondi muito bem com as atividades propostas, principalmente na hora dos debates com perguntas e partilhas de minhas vivências e conhecimentos (ESTUDANTE 02).

No percurso que trilhamos percebi que a luta não é apenas violência e cada movimento exige estratégia e treino. As discussões foram sobre a participação das mulheres na luta, o machismo presente no tatame e a desigualdade de gênero (a falta de mulheres). Meu desenvolvimento nas aulas de práticas corporais de luta foi bom, mas pode melhorar (ESTUDANTE 03).

Bom, ao longo do bimestre discutimos sobre assuntos muito importantes como a liberdade de expressão e como as pessoas usam dela para cometer atos desrespeitosos. Também falamos sobre a sexualização da mulher na área da luta e em academias e como é importante lutarmos contra isso, e por último, falamos sobre lutar. Gostei muito pois foi muito importante dialogarmos sobre estes assuntos que impactam nossa vida como, racismo, sexualização da mulher, liberdade de expressão. Meu desenvolvimento foi bom, sempre participo das atividades, principalmente nos debates. Sempre deixo minha marca registrada dando minha humilde opinião (ESTUDANTE 04).

Tivemos discussões saudáveis e opiniosas sobre o que pensamos a respeito do assunto. Aprendemos sobre as lutas que mais vemos no nosso cotidiano. Tivemos debates, perguntas e respostas sobre lutas com pessoas que entendem do assunto, praticam e vivem o esporte. Sou participativa e passo muita raiva nas aulas porque não entendo as opiniões opostas às minhas. Aprendi nas aulas que o esporte é mui-

to importante para a nossa vida, porém ainda é pouco valorizado na nossa sociedade (ESTUDANTE 05).

Com o retorno do recesso de meio do ano, pretende-se tecer mais algumas conversas com a turma acerca das aulas. Desta vez, visualizando imagens e vídeos, bem como realizando a leitura de excertos deste próprio texto-relato produzido pelo professor. Ao tomar como referência os registros produzidos ao longo do percurso, espera-se que uma análise mais cuidadosa seja realizada por todas e todos envolvidas/os, de trazer à tona aquilo que mais tocou cada um/a, aquilo que fez vibrar as singularidades estudantis. Cabe destacar que essa iniciativa surgiu a partir dos diálogos promovidos nas reuniões de quinta-feira do GPEF.

Por ora, cabe frisar, mais uma vez, que o percurso construído se deu num contexto muito particular. Buscou-se escapar de determinismos e receitas pedagógicas, preferiu-se olhar para as memórias que constituem a comunidade, a unidade educacional e o grupo estudantil. Atravessado pelos diálogos quinzenais do GPEF, bem como a literatura relacionada ao currículo cultural de Educação Física, traduzimos os escritos e enunciados dos documentos que orientam o NEM na rede estadual de ensino de São Paulo. Em suma, a tematização da luta buscou problematizar os discursos ligados à ocorrência da prática corporal, de modo a potencializar as diferenças e minar narrativas e condutas que subjuguem determinadas subjetividades.